

“EU CONHECIA O ESTATUTO DA TERRA” – RELATO DE DERCY TELES ACERCA DA LUTA NOS SERINGAIS DE XAPURI

DERCY TELES
GIOVANNA MÖLLER
JULIANA DE SOUZA
LÉA TOSOLD
LUCIANA FURLANETTO PEREIRA
MARIANA RUGGIERI
MARILIA M. PISANI

RESUMO *Neste relato de Dercy Teles, será possível aprender um pouco mais sobre o primeiro grande empate de Xapuri, em 1982, e as prisões que dele resultaram, por meio da perspectiva de uma das primeiras mulheres a liderar um sindicato de trabalhadores rurais no Brasil. Além disso, seu relato traz informações importantes sobre os métodos que a Polícia Federal e outros agentes estatais utilizavam para tentar enfraquecer e sabotar a luta seringueira durante a ditadura.*

PALAVRAS - CHAVE *Sindicalismo. Luta seringueira. Mulheres. Ditadura civil-militar.*

“I KNEW THE STATUTE OF THE LAND” – DERCY TELES’ REPORT ON THE FIGHT IN THE RUBBER PLANTATIONS OF XAPURI

ABSTRACT *In this report by Dercy Teles, it will be possible to learn a little more about the first major empate in Xapuri, in 1982, and the arrests that resulted from it through the perspective of one of the first women to lead a rural workers’ union in Brazil. Furthermore, this report provides important information about the methods that the Federal Police and other state agents used to try to weaken and sabotage the struggle of the seringueiros during the dictatorship.*

KEYWORDS *Trade unions. Seringueiros struggles. Women. Dictatorship.*

As memórias vívidas de Dercy Teles de Carvalho Cunha, nascida no seringal Boa Vista (Xapuri, Acre) em 1954, constituem um arcabouço fundamental para reconstituir os empates¹ que transcorreram durante a ditadura militar, bem como toda a organização política que culminou no reconhecimento e na demarcação da Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes em 1990. Como muitos/as militantes de sua geração na região, Dercy Teles iniciou sua trajetória política em meio aos projetos das Comunidades Eclesiais de Bases, no final dos anos 70, tornando-se delegada sindical do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, em 1978, e assumindo sua presidência em 1981. Ela está, portanto, entre as primeiras mulheres a ocupar a liderança de um movimento agrário no Brasil. Seu pai, um camponês piauiense, havia sido alistado para o trabalho nos seringais do Acre pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, o SEMTA, política brasileira implementada durante a 2ª guerra mundial para fornecer borracha para os exércitos aliados. A morte dele, em 1974, fez com que Dercy assumisse tarefas mais comumente associadas a homens, tanto na lida com a terra quanto na lida com a política. Na mesma época, o avanço da pecuária sobre o seringal em que vivia e a resistência de sua mãe e de outra viúva na região como as únicas duas pessoas que não aceitaram a indenização baixa do latifundiário e se recusaram a sair das colocações fizeram Dercy compreender com cada vez mais força a necessidade da organização e do enfrentamento coletivos.

Seu pioneirismo não veio sem custos, pois teve não só que enfrentar as forças estatais de repressão, que atuavam a mando dos interesses privados dos pecuaristas, como também a violência de gênero, cuja manifestação se dava nos frequentes desprezo e assédio por parte de seus pares. Vasculhando os arquivos confidenciais do Serviço Nacional de Informações, disponíveis on-line, é possível perceber inúmeros equívocos relativos à sua pessoa, o que parece indicar que os próprios serviços de inteligência das forças repressivas estavam fortemente sujeitos a uma aguda miopia social que se instalava pela disparidade

¹ Método de luta utilizada pelos seringueiros entre os anos 1970 e 1980 para impedir a derrubada da floresta por parte de pecuaristas que avançavam sobre a região em função de incentivos concedidos pelo governo militar para uma nova frente de expansão agrícola, que substituiria a seringa, cuja produção encontrava-se em decadência desde o final da 2ª guerra mundial. Contrário ao que dizia o discurso oficial, a região não era um vazio demográfico, pois parte significativa dos milhares de trabalhadores que havia participado dos ciclos de seringa havia permanecido na região, na condição de posseiros. Reunidos em grupo, os seringueiros interpunham-se entre os jagunços e a mata, da qual obtinham seu sustento na forma da extração da seringa, da castanha e da caça, travando um embate mais amplo da posse contra a propriedade.

entre gêneros no seio das lutas trabalhistas e agrárias: em um dos documentos consta que ela é casada com outro militante com quem jamais foi casada.² Em outro documento, a presidência do sindicato é atribuída a um homem que viria a ser seu marido.³ E, ainda, um outro documento, tem o nome dela escrito erroneamente, constando como “Daicy”.⁴ A contrainsurgência tinha dificuldade em reconhecer a importância de Dercy nos quadros do movimento sindical e a cita sempre em relação a outros homens, estes, sim, considerados centrais à organização dos trabalhadores rurais.

Do mesmo modo, os esforços oficiais e institucionais de memorialização da luta seringueira não a contabilizam como um dos seus quadros mais importantes: além de ocupar a presidência do sindicato quando se deu o primeiro e o maior empate em Xapuri, em 1982 – pouco tempo após a morte de Wilson Pinheiro⁵, Dercy Teles também foi uma figura importante no Projeto Seringueiro⁶ (investigado intensamente pelos órgãos de inteligência da ditadura), auxiliando na criação das primeiras escolas comunitárias nos seringais, em que era utilizado material didático próprio, a Cartilha Poronga⁷, desenvolvida em sintonia com os métodos de Paulo Freire de educação popular. Constituiu também os núcleos de agentes de saúde, percorrendo as longas distâncias da região e realizando, em seus caminhos, um trabalho significativo de organização de base. Ainda hoje, Dercy é uma militante incansável na manutenção da “floresta em pé”, mesmo diante do abandono visível da Resex Chico Mendes, que já não se constitui como a vitrine política de outrora e que também viu serem minados grande parte dos ímpetos de auto-organização que caracterizaram as lutas seringueiras nos anos 70 e 80, abrindo cada vez mais espaços para a “economia verde” e os programas REDD+.

Em julho de 2018, passamos em torno de uma semana na casa de Dercy⁸, na colocação Pimenteira.⁹ Percorrendo os ramais e os varadouros¹⁰ dos seringais com ela, pudemos conhecer outras mulheres de sua geração que também participaram dos primeiros

² Serviço de Informações. Departamento de Polícia Federal, Superintendência Regional do Estado do Acre. Informe nº 118/82-SI/SR/AC. 13.05.1982. Empate de desmatamento por posseiros na Fazenda Santa Fé/Xapuri-AC. Arquivo Nacional. Fundo: Sistema Nacional de Informações. DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82002304.

³ Serviço Nacional de Informações. Agência de Manaus. Informe nº 0047/119/AMA/82. 03.09.1982. Principais líderes de Movimentos Sindicais, atuantes no Estado do Acre. Arquivo Nacional Fundo: Sistema Nacional de Informações. DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82002623.

⁴ Serviço de Informações. Departamento de Polícia Federal, Superintendência Regional do Estado do Acre. Informe nº 236/82-SI/SR/DPF/AC. 23.08.1982. Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia (CEDOP), Estado do Acre e Amazonas. Arquivo Nacional. Fundo: Sistema Nacional de Informações. DFANBSB V8.MIC, GNC.LLL.82002657.

⁵ Wilson Pinheiro, seringueiro, foi presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais da Brasília, no Acre. Organizou um grande empate na região em 1979, no Seringal do Paraísoópolis, município de Boca do Acre. No ano seguinte, foi morto em uma emboscada.

empates, tais como Sebastiana e Maria, também integrantes, mais recentemente, da diretoria do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri, com Dercy novamente como presidente. Por causa da chuva, não conseguimos chegar à casa de Antonia Pereira Vieira, única mulher a constar ao lado de Dercy na diretoria do sindicato no início dos anos 1980. Também conversamos com Alexandra, professora da escola estadual que fica dentro da área da RESEX, que nos contou suas memórias de infância sobre a pistolagem que, com alguma frequência, fazia com que ela e seus familiares precisassem se esconder. Mulheres e crianças participavam ativamente dos empates e se colocavam à frente dos homens no intuito de protegê-los da violência dos fazendeiros e dos órgãos estatais. Não à toa, grande parte das mortes ocorria por emboscada.

Por intermédio de Sebastiana, pudemos também averiguar que as disputas por terra seguem intensas na região; soubemos que não fazia muito tempo que a casa do filho dela havia sido incendiada por um fazendeiro. Vimos maquinários pesados abrindo estradas largas no meio da floresta para a extração de madeira e a abertura de pastos, atividades que se tornam cada vez mais abundantes diante das falências dos programas de geração de renda a partir do extrativismo. Baseando-se em sua própria saga, Sebastiana nos contou sobre as imensas dificuldades de mulheres trabalhadoras rurais acessarem o direito à aposentadoria rural, pois têm seu trabalho frequentemente invisibilizado, sem registros, porque geralmente são os homens que vão à cidade e, portanto, possuem contas bancárias e registros de compra e venda de materiais agrícolas ou recibos de contribuição para o sindicato.

A transcrição abaixo é um pequeníssimo recorte de uma longa conversa que gravamos com Dercy em uma das noites que passamos na casa dela. A oralidade transformada em textualidade não deixa perceber sua voz altiva que, apesar de rouca pela frente fria que havia chegado ao Acre naquela semana, descrevia com firmeza os períodos mais conturbados

⁶ O Projeto Seringueiro foi idealizado pelo Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), em 1983, para implementar redes de educação, saúde e cooperativismo popular nos seringais. A primeira escola, chamada Wilson Pinheiro, foi construída na colação Já Com Fome, no seringal Nazaré – hoje Reserva Extrativista Chico Mendes, mas na época integrante da Fazenda Bordon, uma das mais poderosas da região. No início da década de 90, eram mais de 51 escolas e 32 postos de saúde.

⁷ A Cartilha Poronga foi o método desenvolvido para a educação popular dos seringueiros, em conjunto com o Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia, o CEDOP-AM, criado em 1981, em Rio Branco, Acre.

⁸ A visita de nosso coletivo interdisciplinar à casa de Dercy Telles foi movida por uma interseção de encontros, possibilitados pela defesa da tese de doutorado de Pietra Cepero Rua Peres, “A produção da floresta ‘em pé’: RESEX Chico Mendes (AC), do projeto à realização”, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) em abril de 2018 e pelo Simpósio Temático Mulheres e Terra, organizado por Mariana Ruggieri no contexto das XIX Jornadas Andinas de Literaturas Latino Americanas, realizado na UFAC, Rio Branco, em julho de 2018, evento no qual Dercy Teles proferiu uma conferência.

⁹ A colocação é a área dentro de um seringal – e, hoje, da Reserva Extrativista Chico Mendes que cabe a cada família.

¹⁰ Varadouros são caminhos pela mata que podem ser percorridos exclusivamente por pessoas, animais e, às vezes, motos. Ramais são varadouros alargados que permitem o trânsito de carros e caminhões.

em que ela esteve à frente da luta seringueira durante a ditadura militar. O texto também não consegue mostrar o olhar atento e emocionado de sua filha Thainá, que escutava pela primeira vez sua mãe narrar detidamente sua trajetória de militância. Nos parágrafos que seguem, será possível aprender um pouco mais sobre o primeiro grande empate de Xapuri, em 1982, e as prisões que dele resultaram, bem como sobre os métodos que a Polícia Federal e outros agentes estatais utilizavam para tentar enfraquecer e sabotar a luta seringueira. Não menos relevante é a referência a Dom Moacyr, bispo da Diocese de Rio Branco e um dos criadores do CIMI e da CPT, figura importante na luta dos Povos da Floresta no Acre e em Rondônia.

*

Dercy: O latifúndio estava avançando e todo poder estatal era a favor do latifúndio. E, como delegada sindical... quando teve esse problema da suposta pelegagem do presidente e de um delegado sindical da estrada de Brasiléia, aí começou um movimento – inclusive os padres da época ajudaram na campanha de mobilização – pra depor, destituir, a atual diretoria que estava traindo os trabalhadores. E aí assembleia me indicou para encabeçar a chapa como presidente, e eu aceitei, assim, meio perdida, né, pensei: “o que eu vou fazer como presidente no meio dessa homarada?”. Mas, vamos lá, né. Aí, na diretoria, só tinha eu e a Antonia Clovis¹¹, e a gente assumiu e concluiu o mandato. E eu saí da presidência do sindicato, em 1983, e fui pro Projeto Seringueiro trabalhar na educação de jovens e adultos, e trabalhava também com a iniciação ao cooperativismo e à assistência à saúde.

¹¹ Dercy está se referindo à Antonia Pereira Vieira, que compunha a direção do sindicato, ao lado de Dercy, em 1982.

Léa: E como foi isso de ser mulher no sindicato e no Projeto Seringueiro? A gente imagina que não era uma coisa comum.

Dercy: Olha, no sindicato, eu passei por alguns constrangimentos. Um dia eu fui numa reunião – inclusive, nessa

reunião, [estavam] o Lula e outros personagens do PT que estavam percorrendo o Brasil divulgando a fundação do PT –, aí, o delegado da CONTAG [Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura] (porque era uma delegacia da CONTAG que atendia a região do Acre e Rondônia). E a gente tava numa reunião, numa mesa como essa aqui, e eu olhei prum lado, olhei pro outro e só tinha homem. E o homem que estava de frente assim comigo começou a meter a perna entre as minhas pernas, mexendo comigo. Aí eu disfarcei, levantei para pegar uma água. Aí quando eu voltei, mudei de lugar, porque eu não sabia o que fazer.

Aí chegava também sócio do sindicato cheio de álcool para pagar a contribuição mensal, mas não aceitava que eu assinasse o recibo, queria que um homem assinasse. Esse tipo de coisa também acontecia. E os colegas diretores se divertiam com isso, eles riam – em vez de ajudar a proteger, eles se divertiam. E outros constrangimentos que eu passei, porque, além de jovem, eu era solteira. E, naquela época, a cultura era que uma mulher que prestasse só podia andar na companhia ou do marido ou do pai ou do irmão, se fosse solteira. No sindicato não tinha essa opção. Eu andava com os delegados sindicais, que ajudavam com as visitas, e com os diretores, e nenhum era meu parente; até porque não pode, porque não pode ter grau de parentesco [na direção sindical]. Aí, quando a gente chegava na casa, nos lugares, geralmente, nessa época, tinha a bendita sala e a cozinha. E a cultura era que, quando um homem chegava com uma mulher, a dona da casa saía da cozinha e convidava a mulher para ir na cozinha conversar, e o homem dono da casa ficava na sala para conversar com o visitante. E eu não podia fazer isso, eu tinha que ficar junto com os homens, porque eram os homens que eram sócios do sindicato, as mulheres não eram. Era uma raridade, né, eu era uma exceção. Só eram sócias as viúvas, e eu era uma exceção. Eu comecei a quebrar o paradigma porque eu me associei, porque minha mãe era sócia, e eu também era. E aí, como os sindicalistas eram os homens, eu tinha que dialogar com os homens. Eu ia pra cozinha fazer o quê? Aí eu escutava as mulheres cochichando entre as quatro paredes: “essa mulher toda

vez que aparece aqui é com um homem diferente”. É porque, na cabeça delas, tinha que andar só com marido. Então, eu trocava de marido várias vezes por ano, porque, a cada visita, eu ia com uma pessoa diferente.

Mas uma coisa que eu aprendi é que a gente, para vencer esses obstáculos, tem que adquirir as informações do meio para se equiparar aos homens e se nivelar no debate, que aí eles te respeitam. E foi isso que eu fiz, procurei me informar ao máximo. Eu conhecia o Estatuto da Terra [Lei nº 4.504]¹², que era a lei que regia e que amparava o movimento sindical. Era o Estatuto da Terra e, se não me falha a memória, acho que era a lei... ou era 5000, era 1504... Eu sei que terminava com 4000 e que amparava a posse da terra. E eu li esse estatuto assim, constantemente, para poder me nivelar nos debates e discutir de igual pra igual.

¹² Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, que diz respeito ao uso, à ocupação e às relações fundiárias no Brasil. Foi criado pelo governo militar em uma tentativa de responder aos movimentos camponeses que se articulavam pelo país. Norteia as ações de órgãos governamentais de fomento agrícola e de reforma agrária.

Léa: Isso era bem no tempo dos empates, né?

Dercy: Exatamente. É tanto que no primeiro e maior empate que aconteceu em Xapuri, eu era presidente do sindicato e passei 30 dias na área de conflito dialogando com os trabalhadores dos prós e dos contras que poderiam acontecer no empate para depois não ter reclamação, né?!. Porque o delegado já tinha me chamado na delegacia e tinha me mostrado todas as autorizações que ele tinha para intervir com a força policial. E ele falou assim para mim – chamava-se Antônio [sobrenome inaudível]: “eu tô querendo o seu bem. Você como presidente, você tem o poder de decidir se vocês realizam esse empate ou não”. Porque era tudo... Eles tinham acesso a tudo, a todas as... que nós tínhamos, tudo quanto era de sistema, mídia. E a Polícia Federal, ela seguia a gente passo a passo, disfarçadamente. Aí eu falei: “olha, olha doutor, eu sou a presidente, mas a instância majoritária do sindicato é a assembleia, e a assembleia deliberou que vai empatar. E quem sou eu para lhe prometer aqui que não vai ter empate? Vai ter empate sim, dê no que der”. Só que eu nunca participei de empate. Corrigindo também a informação que o cidadão ontem disse. Eu

não participei de empate porque era muito recente a morte do Wilson Pinheiro, né? E aí houve uma deliberação do conselho da CONTAG de que os presidentes de sindicato não iriam nos empates, porque eles eram visados como cabeça. Eles sempre visavam o presidente porque eles achavam que o presidente era quem puxava e que, se matando o presidente, a coisa, é... se... como é que eu diria? É... perdia o rumo, né? Se desarticulava. Porque, em Brasileia, aconteceu. E é verdade, porque em Xapuri também, com a morte de Chico Mendes, também aconteceu. Em todo lugar que o presidente foi assassinado, né, houve uma desarticulação do movimento sindical. Então, eu só fui presa depois que chegaram com os presos, porque eu estava na frente da delegacia. E eu fiquei dentro do cordão de isolamento, porque não tinha, não tinha cela para prender todo mundo, mas eles fizeram um cordão de isolamento, né. Toda a força policial fez uma corrente em torno da gente, com um fuzil e metralhadora engatilhada, e a gente ficou no centro.

Léa: É das pessoas que participaram desse primeiro empate, que você tava falando.

Dercy: Isso, desse primeiro e maior empate que aconteceu em Xapuri, em que foram presas 112 pessoas. Inclusive, a Antonia Clóvis estava nessa... foi uma das que foi presa. A gente passou três dias [presa], né, porque o advogado que prestava serviço para os sindicatos era o único advogado, que era o do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Prelazia [do Acre e Purus]. E ele estava resolvendo uma situação em Cruzeiro do Sul. E em Cruzeiro do Sul tinha escala de voo, não tinha voo todo dia. Então, isso aconteceu num período em que ele estava lá e só ia chegar, né, três dias depois. Na hora que ele chegou em Rio Branco, o Dom Moacyr, que dava todo, todo o suporte, né, e era muito respeitado... Não aconteceu muita tragédia, porque o Dom Moacyr era muito respeitado pelo poder público, Dom Moacyr encaminhou ele. E aí, quando ele chegou, aí começaram a liberar,

¹³ Manoel Estébio Cavalcante da Cunha, ex-marido de Dercy Teles e um dos criadores do Projeto Seringueiro.

¹⁴ Raimundo Mendes de Barros, seringueiro e membro do STR-Xapuri.

¹⁵ Ronaldo Lima de Oliveira, ex-funcionário da Funai, envolvido em uma série de atividades políticas junto ao Projeto Seringueiro e ao STR-Xapuri.

inclusive os que estavam na cela. Porque tinha o pai de Thainá¹³ na cela, é... o Raimundão¹⁴ tava na cela, o seu Luís [sobrenome inaudível] tava na cela, estava incomunicável. É... quem mais? O Ronaldo¹⁵ estava na cela. É, o Ronaldo era um dos que fazia parte da equipe do Projeto Seringueiro, tava na cela. Foram trancando. Classificados como agitadores, pessoas que incitava, né, a luta armada.

Léa: E como ficou depois que as pessoas foram liberadas? Assim, seguiram acontecendo empates? Como é que as pessoas ficaram? Porque imagino que todo mundo ficou super assustado.

Dercy: Olha, o pior desse empate foi controlar a indignação dessas 112 pessoas que foram presas, [porque] o dono da colocação que eles estavam defendendo cedeu para o fazendeiro, indenizou. Enquanto tava acontecendo isso na rua, o cara ficou lá, tremendo de medo. Aí, aceitou a indenização, porque eles torturaram, eles fizeram a gente deitar no asfalto quente, encostaram a boca da arma na cabeça das pessoas. Assim, a segunda leva que eles prenderam, que era menos gente, eles torturaram, bateram nas pessoas... E aí o cidadão que fugiu, se escondeu, conseguiu se safar da prisão, entregou a colocação pro fazendeiro. Aí o difícil foi controlar esse povo, porque eles queriam linchar ele. Porque foi uma luta de muitos; foram três meses de mobilização, de faz e não faz. Aí, numa assembleia do dia 1º de maio que os sindicatos realizavam, né, para fazer a análise da realidade, aí foi deliberado, né? E esse empate tinha gente, assim, de vários seringais de Xapuri. Não era só gente de lá. Inclusive do São Pedro, daqui, de tudo quanto era lugar. E aí, assim, foi muito difícil controlar né, fazer as pessoas compreender que o cara fez isso porque ele foi movido pelo medo, né, ele não tinha informação suficiente, ele ficou só, perdido né, e aí foi pressionado e cedeu, mas que isso não impediu da luta continuar.

É tanto que foi o último desmatamento que aconteceu lá. Foi esse, né, porque... E nessa, nesses três meses de negociação,

né, porque o pessoal da comunidade fez o primeiro empate... Aí, fizeram o primeiro empate, aí o fazendeiro partiu pro diálogo, né. Ele foi direto com o delegado da CONTAG. Aí o delegado da CONTAG chamou a diretoria, me chamou né, como presidente do sindicato. Quando eu cheguei lá nessa reunião, o presidente do sindicato patronal – ele tinha um bigodão, assim –, o advogado do sindicato patronal batia na mesa e dizia assim para mim: “você tem poder de decidir, você vai se foder”, dizia desse jeito, assim, berrando. Eu digo: “eu não tenho o poder de decidir, porque a instância superior do sindicato é a assembleia, e a assembleia deliberou que vai enfrentar, eu estou aqui só para reafirmar que vai ter um empate sim”. “Você vai se foder, você vai...”, dizia isso assim gritando, aos berros. Eu digo; “seja o que Deus quiser, mas tá deliberado, e eu não tenho autoridade para desfazer a deliberação de uma assembleia de mil e tantas pessoas”. Aí, queria me trazer de avião, eu digo “hum-hum...” (gesto e som de negativa). Eles tinham avião. Eram tão poderosos que eles transitavam de avião da fazenda pra Rio Branco, e Rio Branco pra fazenda. “Não, eu agradeço, não”, indignada mesmo com aqueles palavrão. Aí aconteceu. Esse foi o último desmatamento que aconteceu lá nessa região. E aí continuou as mobilizações. Eles nem insistia mais em fazer desmatamento.

Aí, já na época do Chico [Mendes], em 1983, sim, eu termino o meu tempo no sindicato¹⁶ e vou para o Projeto Seringueiro trabalhar nesse processo de educação de jovens e adultos e também na iniciação ao cooperativismo e à saúde, assistência à saúde, né. Aí, eu fui morar nessa [colocação] Já Com Fome, lá onde teve início a primeira escola. De lá, eu passei, eu passei um ano lá sendo monitora na escola. Eu e uma colega minha, a gente morava mais só, porque os homens estavam trabalhando na questão da mobilização da cooperativa. Aí, quando é um dia, cinco horas da manhã, a gente ouviu bater palmas. Nós tava... minha colega tava ralando milho e eu tava descascando castanha, que a gente ia fazer um cuscuz. Cinco horas da manhã, bateu palma. Lá, era só o pessoal da escola, não... não era um lugar

¹⁶ Dercy passa a presidência do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri a Chico Mendes, que é eleito para o posto em 1983.

de passagem. Aí a gente sai, e era uns homens estranho, seis homens. Aí, bom dia e bom dia. “Olha gente, eu sou o fulano”, começou lá a se apresentar. Era um rosto apresentável. “Nós trabalhamos com mercadoria internacional e vendemos armas, munição, e outros produtos”. Sabe aquela coisa assim tão babaca, que só?... Aí, começaram a tirar esmalte... e um com uma garrafa de cachaça assim, na estopa, assim, tampada com um sabugo, né? Assim, aquela coisa bem relaxada. “Nossa, vocês moram aqui só, mas vocês sabem atirar?” Porque, assim, o comentário do mundo é que nós estávamos montando uma guerrilha lá dentro, que nós tínhamos rádio que se comunicava com Moscou (risos). A polícia vai dar, ela vai conferir. “Nossa, mas vocês têm coragem de morar duas mulheres, num lugar tão deserto desses? Mas vocês têm arma?” E tem, tem espingarda de matar caça que aqui não tem mercado para comprar. “A gente queria ver vocês atirando”. “Não, a gente não brinca com arma. A gente só atira quando tem necessidade”. Dom Moacyr tava alucinado, porque tinha alguém dentro da Polícia Federal que era amigo do Dom Moacyr e dava todos os informes, né. E Dom Moacyr desesperado, porque ele estava sabendo que eles viriam, que eles tavam... que eles tinham vindo para nossa área. E nós, tava só eu e a Marleide¹⁷. O Ronaldo e o pai dela estava visitando as comunidades, discutindo a questão da cooperativa. Não, eu não sei nem para onde é que eles tavam. Eu sei que eles tavam para outro lado e eles ficaram sabendo, da cidade, que a Polícia Federal tinha entrado para lá. Aí, eles fizeram uma série de insinuação: “Aqui, vocês precisam, a uma distância dessa, vocês precisam ter armas curta para poder transitar nesses varadouro, que é muito perigoso, tem muito bicho feroz, muita onça...”. Aí começaram mostrar essas pistolas e bala. “Por enquanto, a gente só traz amostra. E aí, se vocês tiverem interesse, aí vocês fazem a encomenda, depois a gente volta para fazer a entrega e receber o dinheiro.”

Nisso, eles passaram em várias casas com essa história, né? E o que teve de gente que encomendou, mas que nunca chegou (risos) na mão! E nós nem encomendamos, porque a gente, a

¹⁷ Marleide trabalhava com Dercy nas atividades pedagógicas e organizacionais do Projeto Seringueiro.

gente vivia mais ou menos preparado né, pra... pra não deixar, não pisar na bola, né, não dar margem. “Vocês têm algum rádio aqui, vocês se comunicam?” “Não, a gente é quem trabalha com alfabetização de jovens e adultos, e tá fazendo um trabalho voluntário. Tem uma espingarda aí para matar alguma caça, quando a gente precisa para se alimentar, né?” “Ah, mas a gente queria ver tanto vocês manuseando essa arma”. “Nós não brinca com arma, só atira por necessidade”. Aí, ele não deu muita confiança, eles foram embora. Mas eles, para disfarçar, eles pararam em outras casas para fazer o comercial. Aí, eles tinham botão – esses botão de por em blusa, tinha esmalte, batom escuro. E arma, munição, né? E a garrafa de cachaça, de vez em quando eles faziam de conta, né, que... não sei nem se era cachaça ou se era água né, que tinha naquela garrafa, mas era Polícia Federal guiada por um peão de fazenda. Porque em todo segmento da sociedade tem gente ruim – tem os bom e tem os ruim, né?! Então tinha alguém que dava todos os informes pro Dom Moacyr, e o Dom Moacyr repassava. Por isso que não acontecia mais desgraça, porque o Dom Moacyr era o nosso anjo da guarda.

DERCY TELES – Educadora popular e sindicalista rural, residente na Colocação Pimenteira em Xapuri-AC

GIOVANNA MÖLLER – Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará - giovannamoller@gmail.com

JULIANA DE SOUZA – Docente no L’institut Agro Montpellier/France - desouzamontpellier@gmail.com

LÉA TOSOLD – Pós-doutoranda no Instituto de Sociologia da Goethe Universität Frankfurt am Main e ativista - leatosold@gmail.com

LUCIANA FURLANETTO PEREIRA – Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL), da Universidade Federal da Integração da América-Latina, e Técnica em Assuntos Educacionais no Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção (NuMI/EcoSol), da Universidade Federal de São Carlos - lufurlanetto@gmail.com

MARIANA RUGGIERI – Professora do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará - ruggieri.mari@gmail.com

MARILIA M. PISANI – Professora e pesquisadora do Centro de Ciências Naturais e Humanidades da Universidade Federal do ABC - marilia.m.pisani@gmail.com